

ETNOBIOLOGIA LÍRICA

UMA ATIVIDADE DE ESCRITA CRIATIVA



Eraldo Medeiros Costa Neto
Organizador

Etnobiologia lírica:
uma atividade de escrita criativa

Eraldo Medeiros Costa Neto
Organizador

Etnobiologia lírica

uma atividade de escrita criativa



Feira de Santana - Bahia

2024

Copyright © 2024 by Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Projeto gráfico e Editoração eletrônica: *Editora Zarte*

Capa: *Bruno Moreira de Souza*

Revisão textual: *Ana Cecília Estellita Lins*

Revisão de provas: *O Organizador*

Conselho Editorial

Claudio André Souza

João Daniel Guimarães Oliveira

Maria de Lourdes Novaes Scheffler

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda

Maria Victória Espíneira González

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E85 Etnobiologia lírica [recurso eletrônico] : uma atividade de escrita criativa / Eraldo Medeiros Costa Neto, organizador. – Feira de Santana : Editora Zarte, 2024. 104 p.: il.

Ebook

Formato: PDF

ISBN 978-65-88707-84-5

1. Etnobiologia. 2. Literatura brasileira – Ficção. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros, org.

CDU 869.0(81)-31

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790



Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Zarte
Rua Nacional nº 300 A, Parque Ipê
44054-064 — Feira de Santana, BA
Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp
E-mail: zartegraf@gmail.com

Sumário

Prefácio 9

Entre papos e diálogos: Educação Ambiental do/no campo, pescadores e agricultores familiares 10

Simone Têles da Silva Santos

O legado dos ancestrais 20

Jônatas dos Santos de Souza

A história de Toya Jarina (Entre a flor e a serpente) 22

Elidiomar Ribeiro da Silva

O matuto sonhador 26

Bruno Moreira de Souza

Enlace da noite e o rio 29

Renata Corrêa Martins

A árvore que falava 31

Lívia Maria da Silva Gonçalves

Um olhar sobre o Ciclo da Vida 38

Pedro Borges do Amaral

A lenda do Zé Canoa 41

Tiago Sandes Galvão

Roçado de mel 42

Rogério Oliveira Rocha Filho

Briga de galo: dança de poder e conhecimento 44

Rafaela dos Anjos Rocha

Ladainha do manejo 46

Mestre Lupião (Luciano dos Reis Silva)

Xaorô 48

Babá Aficodé Guirideran (Thiago Leandro da Silva Dias)

Biopirataria no Cerrado? 50

Lin Chau Ming

Depois do inferno, o inverno 56

Eduardo Almeida Silva

Assembleia 62

Eraldo Medeiros Costa Neto

O cortejo 63

Eraldo Medeiros Costa Neto

História de pescador 64

Pedro Henrique Oliveira Sampaio

Nas margens do rio Pojuca 68

Geovanna Sena de Abreu

Benedição 70

Gustavo Ferreira de Santana

O menino e a bruxa 71

Emanuel Oliveira da Silva Cunha

O dilema de Crista 78

Matias Silva Ferreira e Silva

A tradição da rinha de galo 82

Leonardo Sampaio Campos

Vida pesqueira na Bahia 84

Daniela dos Reis Miranda

A barraca da Tanajura 85

Isabela Caroline Barbosa Oliveira

O Pintinho Azul 88

Luiz Gustavo Lima Cordeiro

Flores à deriva 90

Roberta Emilly Martins da Conceição

Todas as músicas de amor são pra ela 91

Emilly Queiroz dos Santos

Guardião do Tempo 93

Rafaela Santana de Jesus Perego

Memórias que não voltam mais 95

Luis Henrique Oliveira Santos

Processada com amor 97

Lara Leal Marques

Reflorestando Corações 99

Lucimara Rett

Poesia de I'x K'akaw' 101

Luana Rohwedder Zuffo

Eu-Nuvem 103

Luiz Henrique Ortelhado Valverde

Prefácio

A ficção sempre foi uma grande aliada da ciência, auxiliando em suas inspirações e divulgação. A poética, por sua vez, permite que se perceba pela expressividade lírica a magnificência da natureza que atrai o cientista para sua escolha de vida.

A escrita criativa dos alunos de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana e dos profissionais acadêmicos que a estes se aliaram coloca-nos diante de seus encantamentos. Sob o enlevo de versos preciosos e contos graciosos, circulamos por municípios baianos ou por outros lugares ignotos — mas também nos estendemos à longínqua Turquia —, acompanhando as tarefas do dia a dia de populações rurais, negras ou indígenas, de pequenas e grandes comunidades urbanas, de educadores ambientais que a estas se dedicam, numa apreensão de nosso destino comum. Sensibilizamo-nos com pintinhos que são coloridos e galos de briga. Refletimos sobre as histórias milenares do barco das almas ou das entidades protetoras das águas, da terra, de todos os seres. Resgatamos por essas imagens as forças do sertanejo e suas memórias. Usufruímos também de um pouco de fantasia, permeada de fina ironia intertextual.

Contadores de histórias e poetas reúnem-se aqui, num trabalho conjunto de valorização da vida.

Ana Cecília Estellita Lins
Águas Claras – DF, maio 2024



Fonte: Eraldo Medeiros Costa Neto

Entre papos e diálogos: Educação Ambiental do/no campo, pescadores e agricultores familiares

Simone Teles da Silva Santos¹

Educação Ambiental

I

Vamos tratar de um assunto
Que é de muita preocupação
A verdade vamos contar
Sobre o que acontece na educação
Modalidade EJA escola do Campo
E Educação Ambiental sofre transformação

II

A gestão ambiental na maioria das vezes
É desenvolvida na Reserva Nacional
O foco são políticas públicas
Para área ambiental
Envolvendo atividades de educação
Consideradas não formal

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, Campus III.

III

É preciso mencionar
Que educação ambiental
Também é atividade escolar
Por que não envolver o local?
No processo formativo da sociedade
Em que as pessoas dariam o aval!

IV

Mas deixa lhe dizer bem baixinho
O que faz o processo educacional
Desvaloriza os conhecimentos das pessoas
Sobre educação ambiental
E para completar vem a segregação
Da autonomia da comunidade local

V

Mas educação ambiental
Por si é processo de aprendizagem
Que valoriza o conhecimento e
Proporciona construção de bagagem
Educação ambiental firma
O diálogo da população em coletividade

VI

Vamos todos lutar
Juntando os movimentos numa conversão
Para Agregar a todos autonomias

E contribuir para a transformação
Requerendo direitos e valores
Visando mudanças na educação

VII

Quando a educação agrega
Povos tradicionais têm seus valores
Respeitados na tomada de decisão
Os agricultores e os pescadores
Podem articular a discussão
Eliminando o poder dos opressores.

Educação do/no campo

I

Então vamos falar aqui
O que é sabido de outra situação
Como retratar DO/NO Campo
Fazer na contemporaneidade uma reflexão
Educação do campo é apresentada
Em degradante situação

II

O campo e os camponeses são vistos
Como atrasados na educação
Mas isso porque são menosprezados

Nas políticas vigentes em questão
Não recebem seus direitos
Constituídos pelas Leis de Educação

III

Aos camponeses são atribuídos
De outro modelo de educação
Currículos educacionais arremedados
Não há no contexto, contemplação
Isso não! Da política educacional
O camponês precisa é de validação

IV

É imprescindível, no entanto,
Investir nas inovações tecnológicas
Melhorando o desempenho dos trabalhadores
Com metodologias pedagógicas
Diminuindo o êxodo rural
Mas não com alusões antológicas

V

É necessário rever
Para a tomada de decisão
Alternativas concretas
Que vise melhorias na educação
Preservando o povo no campo
Que precisa de maquinários de inovação

Etnobiologia no campo e na cidade

I

É preciso saber
Que a agricultura familiar
Sustenta uma nação
Então vamos lutar
Ressignificando ferramentas de tradição
Para o desenvolvimento melhorar

II

Os pescadores já não utilizam
Ferramentas dos povos tradicionais
Deixam de escanteio
Os modelos artesanais
E os conhecimentos adquiridos
Para utilizar novos ais

III

Ferramentas que não são artesanais
Veja que situação
Estão sendo utilizadas para pescar
Promovendo degradação
Ferindo corais e vida nas águas
Há quanta deterioração

IV

Dizem que é para competir
Com o pesqueiro industrializado
Será que estudaram ação
Desse ato disseminado
Querem pescar de montão
E produzir para o mercado

V

Vamos estudar Etnobiologia
Com os povos de tradição
Do ambiente cuidar com alegria
Para maior efetivação
Aprender com o local
retratando a nossa nação

VI

Utilizando ferramentas pensadas
De geração em geração
Retratando e inserindo
Os conhecimentos da nossa educação
Acrescentando no fazer
A nossa tradição

VII

Agricultura familiar e pescadores artesanais
Venham fazer um mutirão

Realizando pela Etnobiologia
O verdadeiro modelo de educação
Retirando as escamas
Da ideologia de segregação

VIII

Não devemos esquecer
Da agricultura familiar
Alimento como arroz e o feijão
Vem para nos alimentar
As sementes estão expostas
Para apreciação e exemplificar

IX

Na mesa do brasileiro soberania alimentar
Alimento da caça e da pesca
Vem para agregar
Cultura dos povos do campo e das florestas
Proporcionando ao Brasil
A um novo patamar

Educação de jovens e adultos

I

Educação de jovens e de adultos
Está em uma situação
Em que dizem ser alfabetizados
Para o dia da eleição
Mas não é nada disso não!
Somos adultos agentes de transformação

II

Sabe-se que a modalidade da EJA
Sofre segregação
Não reconhecem as políticas versadas
Para a nossa emancipação
O jovem e o adulto têm direito constituído
De receber melhorias na educação

III

As lutas travadas
Perpassam por rever o que é exclusão
Na educação para jovens e adultos
Modalidade de educação
Também na Educação do/no campo
Que sofre dessa situação

Educação

I

Lutar por melhorias
Vamos movimentos sociais
Tirar da situação de oprimido
Educandos e povos tradicionais
Com sabedoria vamos,
Pensar em novos projetos educacionais

II

A Educação Ambiental no Campo
Versa e efetiva essa ação
Na modalidade de educação EJA
Promove autonomia e emancipação
Mudando o rumo educacional
Do nosso povo nessa Nação

III

Na educação do/no campo
A modalidade da EJA busca transformação
Constituir novos agentes na comunidade
Para agir em prol de efetivação
Das políticas públicas vigentes
E direitos assegurados na legislação

IV

Nada de enganação e assistencialismo
Somos pessoas com direitos adquiridos
Para elucidar não somos coitadinhos
Não queremos viver como oprimidos
Nem degradando a natureza,
Mas tudo deve ser bem esclarecido

V

Tendo a educação ambiental
Tudo pode ser ressignificado
E efetivada com certeza
No espaço do campo contextualizado
Refletindo a vivência dos camponeses
Em um currículo humanizado

VI

Para findar o toar
É preciso refletir e alertar
O que queremos são execuções
De políticas públicas neste lugar
Com educação que ressignifique a cultura
Nas comunidades que não param de lutar

O legado dos ancestrais

Jônatas dos Santos de Souza²

Nas matas densas e ancestrais,
Onde o verde se entrelaça com a memória,
Povos tradicionais, sábios guardiões,
Cultivam segredos em cada folha e raiz.

Na etnobotânica, o elo se tece, entrelaça como as palhas na
construção artesanal,
Transformando a ancestralidade medicinal em ciência
moderna,
A herança dos sábios é passada de geração em geração,
Resistindo e sobrevivendo em meio a tanta tribulação.

Na Amazônia, Caatinga, Cerrado ou Mata Atlântica,
Pampa ou Pantanal,
Coleções etnobotânicas florescem,
Plantas alimentícias, medicinais e tesouros sem iguais.

A resiliência desses povos é como a raiz profunda,
Que enfrenta tempestades, mas não se quebra,

2 Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas – SOTEPP, do Centro Universitário de Maceió – UNIMA/Afya.

Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Eles sabem que a cura está nas folhas, nos frutos,
Na conexão com a terra e no respeito à floresta.

Assim, entre o passado e o presente,
A etnobotânica nos ensina a valorizar,
A diversidade vegetal e cultural,
Preservando o legado dos povos tradicionais.

A história de Toya Jarina (Entre a flor e a serpente)

*Elidiomar Ribeiro da Silva*³

Lá pelo século onze
Toy Darsalam, o sultão
Viu a Turquia invadida
Pelo inimigo cristão
Temendo por suas filhas
Destinou-lhes novas trilhas
Fugindo daquele chão

Rumou no Mediterrâneo
O barco com três princesas
Nas águas de Gibraltar
Atravessou correntezas
Do nosso plano saiu
Em novo mundo caiu
Encantamento e beleza

Dentro da Encantaria
Princesas turcas chegaram

3 Docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Editor da Revista *A Bruxa*.

No Brasil dos orixás
Por aqui se ajuremaram
São três caboclas agora
Sua missão revigora
Nas terras que logo amaram

As três caboclas rumaram
Do Pará ao Maranhão
Encontraram nos Lençóis
El rei dom Sebastião
Que adotou as três princesas
Herdeiras da realeza
Convivendo em comunhão

Herondina e Mariana
Grandes caboclas da Mina
Uma é onça, outra arara
Cumprindo com sua sina
É a mais nova das três
Que vou versar p'ra vocês
Como o tambor nos ensina

Aroma de laranjeira
Precede Toya Jarina
A encantada de flor
Entidade feminina
Tão forte quanto a serpente
Chega p'ra ajudar a gente
Com jeitinho de menina

Jarina cheira à flor
Como a rosa perfumada
Mas toda flor tem espinho
Quando é desafiada
Mesmo sendo só bondade
E prestando caridade
Arma de cobra é picada

Jurema, planta sagrada
Que tem flor de santidade
É ofício de Jarina
Com toda propriedade
Entre a cobra e a flor
Ajuda a curar a dor
De toda humanidade

Cabaceira lá na mata
Vira ouro com Jarina
Sara o corpo e a alma
Pelas mãos da pequenina
Plantas têm os seus segredos
Propriedades e enredos
Fé na cabocla menina

A maresia da praia
É Jarina, flor do mar
Serpenteando pelas ondas
Festejando Iemanjá
N'água doce de Oxum
Junto do povo comum
A cabocla vem brincar

Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Findo esta narrativa
Exaltando a ligação
Bichos, plantas, natureza
Reunidos em missão
Um salve à Encantaria
E à sua liturgia
Que promove união

O matuto sonhador

Bruno Moreira de Souza⁴

A história que vou contar
De fato aconteceu
Lá pras bandas de Maracás
Onde o João nasceu
Criado pelos avós
Na roça ele cresceu

João fazia de tudo
Limpava, plantava e colhia
Ajudava os avós
Fosse noite ou fosse dia
Cuidavam da natureza
E viviam em harmonia

Um dia ele conheceu
Um tal de Nicolau
Dono de grandes fazendas
Mas morava na capital
Que tinha umas plantações
De milho e de cacau

⁴ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Nicolau lhe contou
Que para aumentar a produção
Tinha que usar um produto
Que era a solução
Para eliminar as “pragas”
E aumentar a criação

Então, o pobre João
Levado pelo Nicolau
Agrotóxicos comprou
Sem saber o grande mal
Que para sua terra levou
Usou tudo, até o final

Depois que usou os agrotóxicos
A produção de fato aumentou
João, admirado
Mais agrotóxicos comprou
Foi ficando dependente
E a terra, já mudou

Depois de um certo tempo
A terra nada mais deu
Levado pelo remorso
O avô de João morreu
E o pobre João sem terra
Uma ideia lhe ocorreu

Mudou-se pra capital
Em busca de um novo emprego
Queria sua vida de volta

Uma vida de sossego
Mas na cidade grande
Ele só encontrou desprezo

Morando na capital
A avó de João morreu
Muito triste e desolado
O emprego João perdeu
As dívidas foram aumentando
E a casa João vendeu

Não tendo onde morar
Pra rua o João mudou
Vivendo de canto em canto
Sozinho o João ficou
Mas numa tarde ensolarada
O cupido lhe acertou

Embaixo de um viaduto
De uma moça muito bela
João se aproximou
E perguntou o nome dela
E ela, muito surpresa,
Respondeu que era Estela

Estela vivia nas ruas
E por João se encantou
Os dois ficaram unidos
Pela força do amor
Estela, uma moça bela,
E João, o matuto sonhador.

Enlace da noite e o rio

Renata Corrêa Martins⁵

Era madrugada quando acordei vendo aquela imagem. Dentro de uma moldura dourada, adornada de arabescos, existia uma mulher negra com turbante amarelo. O seu rosto estava vivo e se movia docemente. O meu ser transitava entre a realidade e o sonho, até que percebi a imagem como um presente real, onde atrelada à visão recebia a informação de que a linda mulher era minha ancestral. Após a consciência plena, a imagem foi se dobrando em partes como um envelope, até desaparecer.

Já estava quase completando 10 anos que o título de mestre ensejava um passado de inquietudes e desejos de mais respostas científicas. Os filhos pequenos já venciam suas primeiras décadas de vida, quando, enfim, o doutorado em Botânica na UnB foi aberto. O projeto de mestrado com as palmeiras foi lindo, mas agora eu entendia que além das palmeiras, eu queria minha ancestralidade representada. Peguei o carro e fui com a família passar as festas de final de ano em Cavalcante. Eu queria conhecer o território Kalunga, as pessoas que lá viviam e provar as conexões entre elas e as palmeiras.

No primeiro mês fiz uma pesquisa exploratória na sede do município e o destino me fez sentar na praça ao lado de um antigo prefeito da cidade. Ao saber que se tratava do Seu

5 Pesquisadora colaboradora no Departamento de Saúde Coletiva, no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

Bandeira, logo minha memória sorriu e informei a ele que eu o conhecia por meio das conversas de meu pai, quando na década de 70 tinha terras naquela região e alimentava o meu imaginário com suas experiências. Seu Bandeira disse: — *Sabe estas estradas que você pergunta se o seu carro passa? O seu pai ajudou abrir com um trator que ele tinha e emprestava pra prefeitura.* — Dali pra frente as dúvidas naufragaram, soube de fato que estava no caminho.

Não pude percorrer muitas estradas, mas a que meu Fiat Uno conseguia passar se tornou o meu destino nos próximos anos e continua até hoje. Na comunidade Engenho II assentei o meu traçado de perguntas, respostas e conexões. Visitei todas as casas e conheci muitos moradores. As palmeiras e toda gente que entrevistei provaram a coexistência ao longo de décadas e séculos. A pesquisa foi comunicada ao mundo científico nos artigos e ao mundo tradicional Kalunga por meio de uma cartilha.

No dia da entrega das publicações na comunidade, fui chamada pelas crianças para tomar um banho de rio. Já tínhamos criado este roteiro sempre que terminava as entrevistas. Como já estava um pouco tarde, elas disseram: — *Vamos até o poço de titia Daniela!?* — Este lugar era bem perto das casas, visitado apenas pelos moradores, diferente dos outros belos atrativos turísticos da comunidade. Senti-me incluída e abençoada por conhecer tão precioso lugar com as alegres crianças. Brincamos e nadamos, antes que o sol sumisse e ficássemos com frio. Ao sair da água, penteamos nossos cabelos e a graça iluminou minha criança chorosa quando os cabelos cacheados eram penteados com rapidez. Pentei vários cabelos com a memória viva e graciosa de que aquela conexão conversava com a imagem da mulher na moldura. Minha pequena amiga disse: — *Nossa, esse rio hoje parece que tá encantado.* — E estava.

A árvore que falava

Livia Maria da Silva Gonçalves⁶

Dr. Joaquim não foi mais o mesmo após visitar Piatá, na Chapada Diamantina. O local mais alto e de temperatura mais baixa do Nordeste do Brasil. Ele chegou de lá cheio de conversa diferente. Juvená, seu amigo, o desafiou a ir e ver coisas que a Ciência chamaria de estranhezas e loucuras do senso comum: mitos como o do Saci, Caipora, Boto, ...

E lá se foi Joaquim passar seu São João com o amigo. Sorria consigo pensando que Juvená era bom contador de histórias e que ao menos tomaria um bom café com um de seus melhores e divertidos amigos. Juvená era a representação da criatividade e enquanto pensava, subiu a serra que levava à fazenda de seu amigo. Quem estava no caminho o olhava com curiosidade. Em algum momento se perdeu e parou em uma casa e perguntou onde morava seu Juvená.

Seu Malaquias se levantou de onde estava, protegido por um portão de madeira, e indicou a casa procurada. Perguntou de onde Joaquim vinha e assim, dali a pouco, estavam tomando café e comendo um bolo feito por dona Zefa, esposa de Malaquias. Compartilharam pedaços da vida, sorriram lembrando de festas juninas e de terem visto Luiz Gonzaga e

6 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Dominguinhos cantarem alegrias, tristezas, viagens e encantos do povo nordestino. Dona Zefa disse que se casou ao som da música Asa Branca tocada por um compadre em um belo acordeom.

Joaquim se despede e chega no portão de Juvená. O homem o recebe de braços abertos e sorriso de canto a canto da boca e diz: — Não é mesmo que tu veio, meu amigo? Entre. Tem o melhor milho, licor, azabumba, canjica, mingau de milho, amendoim. Mais tarde, uma bela fogueira para continuar a prosa de vinte anos que nós não se ver.

A noite foi pequena para a prosa. Pela manhã foram tomar banho de rio e após Juvená levou o amigo para se deitar debaixo de uma árvore que era sua amiga. Joaquim sorriu, duvidou, mas aceitou o convite. Um vento passou forte e de repente o nome Joaquim soava em eco e ele, que estava já debaixo da árvore, adormeceu rapidamente. Juvená ficou atento e continuou sentado. A árvore cresceu e avisou a Juvená que cantasse a música que o amigo mais gostava, pois ela iria conversar com o Dr. Joaquim.

Um labirinto de raízes e troncos se fizeram presentes e Joaquim tentou driblá-los e, desse modo, se encontrou com o Espírito da Árvore, que na verdade era constituído por milhões de deidades e ancestrais. Ele ofereceu o néctar da vida, onde o tempo dança com o espaço, a Joaquim, que assim foi se deixando relaxar, consentindo que a razão fosse devassada pela multidimensionalidade. Ele se perguntava: — Há buracos de minhocas? E a Teoria das cordas? Enlouqueci?

O Espírito da Árvore começa a lhe falar: — Joaquim, como se estabelecer na vida? As árvores preferiram se fixar para auxiliar a todos em seus propósitos. Enviamos mensagem

pelas raízes. Sabemos como se encontra cada solo e cada povo pelos códigos recebidos e enviados por toda terra. Respeitamos clima, solos, águas, céu, sol, chuva, pedras, ser humano. Servimos dentro da ciranda da vida. Fazemos nosso melhor. Não falhamos um dia com nossa missão e tarefas, a não ser que o ciclo seja cortado naturalmente ou pela intenção da insustentabilidade estruturada na ganância que leva à destruição de si, inicialmente, e das gerações que guardarão, em suas memórias, os pactos alucinógenos da acumulação míope ou então a integralidade e riqueza do presente chamado da vida!

E continuou: — E a vida é feita do metal extraído da mãe rocha e da avó crosta terrestre. A invasão feita é a mesma quando não se pede licença ao território-mulher e o corrompe com desejos ferozes de um minuto de prazer e, simultaneamente, pela vida destrocada de quem sofre a agressão! A vida é feita de mim que dou de tudo para repor as energias e saúde de quem se esqueceu que sendo apenas um, pode respeitosamente ter o auxílio do mundo misterioso, complexo e profundo do plantae. O senhor receita o mato ou a sua fotografia? O senhor divulga a floresta ou os protótipos de suas vidas? O leão, o açafraão e o ouro se permitem colaborar para a sua evolução.

Joaquim refutou: — Planta não fala! Utilizamos as plantas das mais variadas formas e ainda fazemos verdadeiras odes por meio de músicas e poesias. Elaboramos quadros e exposições. Colocamos nomes em nossas filhas, as nossas Rosas, Hortênsias, Margaridas, Flor, Gardênias... Tudo na natureza foi disposto para ser usado, classificado, controlado pela inteligência humana. Nada sairia do anonimato se não fosse a humanidade. Você se autoneitaria?

A Grande Árvore se sacode internamente e deixa um turbilhão levar Joaquim para suas raízes e ele vê pela primeira vez a formação da terra. Se vê protozoário, integrante do reino protista. Depois é levado a experienciar-se como minério de ferro, sua extração e sente como é ser arrancado de sua matriz para corroborar “o desenvolvimento da humanidade”. O ferro passa por transformações e vira remédio, mas consome vidas em armas e balas que extinguem a existência em um ínfimo tempo como se ela fosse um nada, nas guerras, cidades litorâneas e as mais adentradas. Como minério, viu-se como gravador de memórias de eras e assim um contador de histórias e potências vibracionais. Percebeu-se em algumas tradições religiosas, como representante de partículas divinas sob nomes de Ogum, Odín e outros.

Vivenciou depois a vida de uma carqueja, planta ancestral de sua família. Se viu como chá sendo degustado para recuperação de saúde de uma pequena indígena do povo Tupinambá. Ali não havia fotografia de planta sob nome taxonômico de Lineu e nem as formulações complexas na perspectiva da Química em seus receituários. Era a espécie *in natura*, limpa, tratada, espiritualmente preparada com cânticos e rezas para extrair, além dos ativos bioquímicos, os acordes vibracionais necessários para atender a integralidade do ser.

Espantou-se porque agora era um preto banto repleto de folhas nas mãos e correndo para salvar alguém de sua estima. Tinha 50 anos e chegou no recinto, uma capela de São Lázaro, onde a velha Querubina sucumbia com o mal do açoite. Naquela noite ela respondeu com uma pitada de sal e pimenta na boca, cuspidando naqueles olhos azuis que lhe tiraram, um

dia, a sua alegria e sonhos angelicais. A senhora do engenho levou-a para o lugar de cura onde Kavungo⁷, pelos pretos, também fazia morada, e pediu ao Preto Mão do Céu que a salvasse.

Joaquim agora, Mão do Céu outrora, olhou suas mãos e via escorrer o mais puro poder que combinava com os quanta das plantas e assim, misturando-os, evocou a força de quem acreditava, e Querubina abriu os olhos, mostrando de novo o sopro da vida mais forte e quente. Joaquim foi retirado rapidamente daquela cena e foi levado a uma sala ornada de orquídeas e diante do Senhor do Fogo escutou uma música: — Joaquim, quais são os modelos usados por suas indústrias, que cerceiam, para a humanidade, tudo o que dispomos em igualdade? Temos os modelos plantae aquáticos, do fogo, aéreos, terrestres e transcendentais. Cada um responde às necessidades da manutenção do micro e macrocosmo de vocês e de suas interações com aqueles que são considerados abaixo do seu poder cerebral. Se integrem antes que ocorra a revolta dos irmãos minerais, folhas, águas e animais dito irracionais. Percebam-se integrais!

Águas torrenciais caíram e Joaquim se viu debaixo de um rio e uma mulher pediu que olhasse seus pés. Ele olhou e eram verdadeiras raízes. Ela telepaticamente lembrou que o modelo humano é de árvore e que os pés são as raízes ancestrais que levam o ser para qualquer lugar que desejar, na força da escrita de seu passado. Já honrou seus pés hoje? Os ancestrais deixaram memórias sensoriais, termais, degustativas, emotivas, energéticas, físicas e espirituais que sinalizam o melhor ou pior

7 Deus da saúde e morte no Candomblé de nação Angola.

caminho a seguir na floresta-vida. Neste instante, as raízes-pés de Joaquim se transformaram em aves e o levaram até o topo da árvore e lá entrou no Conselho das Grandes Mães primevas.

Cada Mãe ostentava roupas simbolizando a força de cada elemento da lição que trazia. O branco, a neutralidade e até onde suportar; o preto, a lição da obscuridade, o lado sombra do qual se foge; e o vermelho, a vida e a língua que vivificam e incomodam quando não se agradece, murmura, execra ou amaldiçoa os pares! Uma voz estridente soa no ar e pede para Joaquim tomar seu lugar. Joaquim estava no Conselho de Gaia e lá tudo começa com o cântico da vida.

Nan, a Rainha, pede licença para entrar no coração de cada presente e começa a falar: — Triste ilusão de quem acha que vive bem com tudo, se não sabe olhar para si e se autoconhecer. Não se perguntar o motivo da sua existência é como passar a vida sendo um rascunho do não vir a ser. No quadrado, reinos mineral, animal e vegetal, o ser humano entra sendo a representação da Grande Fonte. Não se indagar quem se é, é ser um ponto no meio do nada, solto no tempo, exposto às forças destemperadas que colaboram com o esquecimento de si. Tudo é puro tecer. A trama da vida é feita pela linha que une os considerados animados e inanimados.

Joaquim solta um grito e sacode sua cabeça. Aquilo não existe e ele queria voltar à sua realidade. Nan fitou-o fortemente e o sacudiu com a força de sua presença: — Você, meu filho, está na realidade original! Mas como a cebola e suas camadas, você passeia onde os elétrons te levam a compor a sinfonia das variações dos conteúdos no éter e na protomatéria. Saia da matrix! Tudo se voltará para o passado! As lições, valores

e instrumentos deixados por quem veio antes serão a nota maior da música do reencontro consigo-todos-tudo! A dança da ciência e da consciência será instaurada por Netuno⁸ e Shiva⁹. A união será importante para que a alteridade seja mãe do olhar repleto de diversidade composta pelos florais das diferenças, congruências, divergências e complementos.

As Grandes Mães o lançaram de volta à terra. Ele acordou encharcado de suor e ainda meio tonto. Agradeceu ao amigo. Repousou um pouco e se levantou. Ficou silencioso por mais cinco dias. Chegou São Pedro e ele se despediu do amigo, após um pular da fogueira como na infância. Deram muitas risadas. No final, ele chamou Juvená e disse: — Você é feliz porque vive na essência! Você é também guardião dos mistérios e da presente Gaia! — Juvená chorou copiosamente e silente continuou.

Neste instante, um vento forte atravessou a fazenda e as árvores soltaram folhas com cores e tons diversificados. Aos pés de Joaquim cai uma pena vermelha, integrante do vestido de uma das Mães Ancestrais. Joaquim aquieta o coração e se aceita como é. As folhas traduziram o código enviado e os amigos se unem como irmãos na celebração da vida sob o fogo sagrado de pedaços de árvores que se quiseram queimar para unir e alegrar os seres de pé.

8 Deus romano do mar.

9 Deidade indiana da transformação (destruição e regeneração).

Um olhar sobre o Ciclo da Vida

Pedro Borges do Amaral¹⁰

Uma fotografia selecionada em sala de aula me pôs a pensar sobre o ciclo da vida. A imagem em questão mostra dezenas de peixes colocados para secar ao sol, posicionados numa estrutura em formato circular, agrupados em círculo.

Os peixes, transformados em comida para perpetuar o ciclo da vida e da cadeia alimentar, servem de alimento para humanos. Mais tarde, seus restos serão decompostos e transformados em adubo, o que ajudará no crescimento de plantas e mesmo algas, alimentando assim animais, inclusive peixes, fazendo com que o ciclo da morte e renascimento se perpetue novamente. É até interessante que eles estejam agrupados em formato circular, pois formatos circulares são comumente usados para simbolizar ciclos.

Por exemplo, o símbolo da serpente de Ouroboros, utilizado para representar morte e renascimento, e ciclos relacionados à existência em geral, o que se enquadra com uma associação ao ciclo biológico da vida a partir da cadeia alimentar. Quem não se lembra daquela música “Ciclo Sem Fim”, que toca no início do clássico filme O Rei Leão, a qual fala justamente sobre isso?

¹⁰ Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

A religião budista também tem uma palavra que se relaciona a esses conceitos, denominada *Samsāra*, que também pode se relacionar à cadeia alimentar e ao ciclo da vida. Os budistas acreditam em reencarnação num sentido mais geral, confiando que humanos podem reencarnar até mesmo como animais.

Nesse sentido, a natureza e o universo são vistos pelo Budismo como em constantes mudanças, mortes e renascimentos, nos quais por exemplo, animais que morrem por mãos humanas para serem comidos, acabam reencarnando como outras criaturas, que posteriormente irão engolir ou serem engolidos por outras criaturas, e assim por diante. Justamente por trazer sofrimentos e insatisfações enormes à natureza, isto faz parte do conceito de *Dukkha* abordado por Siddharta Gautama, o primeiro Buda, o qual, na Primeira Nobre Verdade, diz que o sofrimento resulta das constantes mudanças e ciclos de morte e renascimento no Reino do *Samsāra*, e que por esse motivo seria necessário, segundo os budistas, transcender o ciclo de morte e renascimento e constantes mudanças que geram insatisfação.



Fonte: Eraldo Medeiros Costa Neto

A lenda do Zé Canoa

Tiago Sandes Galvão¹¹

Diz a lenda que Zé Canoa rema pelos rios do Brasil levando as almas daqueles que se foram. Às vezes, ele é avistado levando pedras de diferentes tipos, algumas preciosas. Quando existem muitas pedras em seu barco, Zé Canoa tem muita dificuldade de remar e decide então jogar todas essas pedras no mar. Se houver pedras demais, o barco pode vir até mesmo a afundar.

Isso acontece, pois não se leva nada dessa vida. Às vezes, porém, Zé Canoa é avistado levando flores. Essas flores são leves, por isso Zé Canoa consegue facilmente levá-las para o outro mundo.

Dizem que quando Zé Canoa é visto com muitas pedras, é porque veio a falecer uma pessoa muito má ou que se importou demais com os bens materiais em vida. Já quando é visto com muitas flores é porque faleceu uma pessoa muito boa, que plantou muitas sementes de bondade quando viva, sendo essas sementes as únicas coisas que se leva.

11 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEMS.

Roçado de mel

Rogério Oliveira Rocha Filho¹²

Dentro desse roçado
Logo então apareceu
O inseto de ouro surgiu
Da maneira que só deu
Para fazer o seu encanto
Mel do bom de Deus

Muito cuidado no roçado
Na hora que você chegar
Se mexer com quem quieto tá
Ferroada vai tomar
Tenha senso e respeito
Com sua presença lá

As abelhas estão aqui
Para fazer mel à vontade
Falam do meliponário
Para quem já tá de passagem
Mas não deixe de dar um oi
Para elas na sua viagem

12 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Nesse roçado tem
Casa de abelha de montão
Muito bom é tomar mel
Sem ter muita preocupação
Nesse mel tem muito amor
E alegria do coração

Mas antes do mel consumir
Lembre-se desse lugar
Nossas amigas abelhudas
Temos que preservar
Cuidar delas e do roçado
Para a vida continuar

Briga de galo: dança de poder e conhecimento

Rafaela dos Anjos Rocha¹³

Nas sombras dos terreiros, onde o sol não bate forte,
Onde o vento traz segredos e o medo é o Norte.
Ali, onde os galos cantam e o sangue é a moeda,
Nasce um mundo de luta, honra e queda.

Brigas de galos, tão antigas quanto o tempo,
Despertam fascínio, mistério e lamento.
Para alguns é esporte, arte e tradição
Para outros é crueldade que parte o coração.

Contudo, entre o dilema do certo e do errado,
Há um campo vasto, pouco explorado.
A etnobiologia lança sua luz sobre o tema
Revelando aspectos que a cultura emblema.

Entre saberes ancestrais e ciência atual,
A Etnobiologia traça um caminho sem igual
Valorizando a cultura e o conhecimento local,
As percepções tornam-se algo vital.

¹³ Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Das Ciências Sociais, a Antropologia se destaca,
Clifford Geertz, pioneiro, na rinha embarca.
Ele vê na luta das aves uma dança de poder,
Onde *status* e hierarquia se fazem entender.

Mas Dundes vai mais fundo, na psique vasculha,
Vê na briga dos galos uma batalha de embrulha.
Para ele, é um jogo de masculinidade em ação,
Onde desejos ocultos encontram sua razão.

Entre filmes raros e obras literárias,
A rinha se insinua, em narrativas diárias.
É um mundo de paixão, de dor e emoção,
Onde a vida se debate, entre morte e redenção.

Assim, sob o olhar da Etnobiologia,
As brigas de galos ganham nova simbologia.
Entre o crime e a ciência, um diálogo se inicia
Para entender o homem e sua estranha mania.

Ladainha do manejo

Mestre Lupião (Luciano dos Reis Silva)¹⁴

Os ciclos da natureza
Os ciclos da natureza ôiaiá
Temos que observar
Pra fazer manejo certo
Na hora de se plantar

O poder do camponês
O poder do camponês ôiaiá
É toda sua grandeza
Está nesse observar
Com toda delicadeza

Aprendendo com os mais velhos
Que muito manejaram o chão
E ensinando pros mais novos
Com muita dedicação

Um manejo Agroecológico
Respeita as fases da Lua

14 Mestre de Capoeira Angola e Samba. Discente do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Agroflorestor.

Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Respeita solo coberto
Nunca deixa ela nua

Tem plantas que se namoram
Basta só observar
Seguindo nesse caminho
Pros problemas enfrentar

Essa é minha ideia
Essa é minha paixão
Se seguirem nesse fluxo
Pro mundo é a solução
Pra recuperar a vida
Do nosso planeta então
Camaradinha...
Viva Meu Deus!

Xaorô

Babá Aficodé Guirideran (Thiago Leandro da Silva Dias)¹⁵

Tuas palhas douradas me fizeram mar
Água salgada a brotar dos olhos
Afago de filho sob teu colo
Mesmo sem do útero ser

Virias em algum amanhecer
Trazendo a cura das feridas d'alma
A terapêutica do abraço
Que embala a cria
No berço das Áfricas

És dono da terra
Patrono do nosso terreiro
E antes mesmo
De tocar o solo com Orí
Vibra quem nele pisa
Descalço em comunhão
Com Oluaiyê

15 Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Filho de Oxóssi e Babá Aficodé do Ilê Axé Ibá Ajunkesy.

Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Licença, senhor! Agô
Que é do teu reino
A base de toda sustentação
De onde viemos
Com vida
E voltaremos em mineral

Quando vejo chuva de flores
Reluzindo Sol entre ráfias
No Azê que reveste o segredo
É hora de pausa, silêncio
Saúdo em máximo respeito
Atotô, meu pai!

Biopirataria no Cerrado?

Lin Chau Ming¹⁶

Muito tem se falado de biopirataria realizada por estrangeiros (e brasileiros também!) quando de trabalho de campo, ou mesmo numa simples visita turística, a alguma comunidade tradicional ou indígena. Levar os materiais genéticos, sejam eles vegetais, animais ou mesmo microrganismos. Quanto desses materiais já foi levado daqui? A história tem mostrado que há mais de 500 anos isso tem acontecido em nosso país. E continua até hoje.

E não é só material genético. Tem a informação associada. As comunidades tradicionais ou indígenas têm desenvolvido, desde tempos imemoriais, seu jeito próprio de utilizar esses materiais. São material e culturalmente importantes, pois refletem ações e estratégias que são válidas para suas comunidades e pessoas.

O Brasil tem desenvolvido e estabelecido legislações que visam proteger esses dois tópicos citados. Não basta apenas ter leis ou regulamentos; estes têm que ser efetivos, mas o acompanhamento e mesmo sua implementação, temos ciência disso, são extremamente difíceis.

16 Engenheiro Agrônomo, docente voluntário aposentado da Faculdade de Ciências Agronômicas da Universidade Estadual Paulista – Botucatu, São Paulo.

No campo, os atores que podem e devem proteger os recursos genéticos e informações associadas são, complementarmente aos agentes governamentais, os pesquisadores que realizam o trabalho nas comunidades, muitas delas em locais distantes e de difícil acesso. Por outro lado, e não menos importante, há os próprios moradores e moradoras do lugar. Estes, em geral, são gente muito receptiva, generosa, amigável, de boa alma, acolhendo, em suas casas e outros recantos de seus lugares e territórios, as pessoas que para ali se encaminham e permanecem por algum tempo. Discussões sobre seus direitos, agora garantidos por lei, e os procedimentos a serem adotados pelos pesquisadores, têm se tornado mais frequentes, aumentando a consciência das pessoas.

Quanto aos pesquisadores, os olhares também têm que ser mais atentos do que antigamente. A qualquer suspeita de algo ilícito, cabe buscar a melhor alternativa para denunciar ou evitar o acontecimento.

E quando isso ocorre com o próprio morador da comunidade, diante do pesquisador? Não exatamente um caso de biopirataria, mas que teria potencial para isso, apesar de as questões éticas já estarem presentes para a pessoa que está fazendo o trabalho de campo? Quando uma determinada planta e as informações sobre seu uso são apresentadas pelo morador local, de maneira aberta e direta, talvez sem o conhecimento de questões industriais e monetárias do mundo globalizado? Melhor explicar direito, pois isso pode estar causando dúvida ou confusão.

Um velho pajé indígena está mostrando as plantas medicinais que ele conhece ao pesquisador, numa saída a campo, um *walking-in-the-woods*, metodologia bastante

frequente nesse tipo de trabalho, numa de suas etapas subsequentes. Ao lado de uma determinada espécie, o pajé vai falando sobre as virtudes da planta, a serventia da qual por décadas ele vem se valendo, a parte usada e a forma ou formas de preparo.

Concentrado, mas curioso, o pesquisador acompanha a fala do indígena e anota as informações em seu caderno de campo. As principais informações vão sendo registradas manualmente, num procedimento padrão proposto em quase todos os manuais de etnobotânica e/ou antropologia, mesmo havendo, hoje, equipamentos mais modernos e rápidos, de se anotar ou gravar o diálogo estabelecido. E faz a coleta botânica — de uma a três duplicatas, a depender da disponibilidade do material — importante para validação da informação sobre aquela espécie coletada. Vai servir de *voucher*, a ser incorporado em um herbário oficialmente cadastrado para a guarda e registro do material coletado.

A planta também é conhecida pelo pesquisador, por sua experiência anterior em outras comunidades, uma espécie de uso tradicional, de uso consagrado, que poderia ou deveria ser considerado de domínio público.

Assim continua a caminhada pela mata, acompanhando o caminhar mais vagaroso do ancião. Não há problema para o pesquisador, pois ele sabe entender as dificuldades dele e respeita o seu tempo e jeito peculiar. As coletas continuam a ser realizadas, um trabalho também cansativo, e muitas vezes enfadonho. Fez isso centenas de vezes. Algumas nem precisaram ser coletadas, de tão comuns e conhecidas que eram.

Outras plantas vão sendo mostradas ao curioso e concentrado pesquisador, que anota, com a devida paciência, as principais informações percebidas ou necessárias para uma boa execução de seu trabalho, uma proposta que será parte de sua tese de doutorado. E mais *vouchers* aumentavam os números de suas coletas.

Numa certa parte da andança pelo Cerrado, o ancião, que já tinha visto, ao longo do trabalho, o interesse e curiosidade do pesquisador, para diante de uma planta, e sem que haja pergunta alguma de iniciativa daquele, fala o nome que a comunidade dá a ela, em língua indígena, e logo em seguida diz que tal parte da planta é usada como anticoncepcional para as mulheres, fazendo determinado procedimento para que seja eficaz, como tem sido há tempos — assegura.

Pego de surpresa com a iniciativa do pajé, o pesquisador rapidamente se reestabelece e mantém o ritmo da conversação, um pouco mais animado, imaginando o inusitado uso da planta, não tão comum nas pesquisas etnobotânicas, enquanto o ancião continua falando. O pesquisador vai ouvindo informações novas para ele, de uma planta que também era vista pela primeira vez, e não soube identificá-la em campo.

Já atento sobre a planta e seu uso, e imaginando o valor monetário que ela teria para a indústria farmacêutica, o pesquisador logo se lembra das questões éticas de propriedade intelectual sobre as informações associadas ditas pelo pajé. Poderia ser uma alternativa comercial para esse uso, caso a espécie fosse analisada química e farmacologicamente, e posteriormente se confirmasse a atividade clínica preconizada, valendo, talvez, milhares de reais ou ainda da moeda americana,

mais valiosa. E diante da legislação pertinente no Brasil, isso poderia reverter em *royalties* para o ancião ou ainda para a comunidade, dependendo das análises sobre essa questão, mesmo que causasse grande discussão e contrariedades.

O indígena ancião, como verificado com a grande maioria da população tradicional, foi extremamente generoso no compartilhamento de seus conhecimentos sobre as plantas medicinais locais, sem mostrar nenhum interesse comercial ou econômico, apenas queria ajudar no trabalho acadêmico que estava sendo realizado, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa. E mostrou uma espécie desconhecida para o pesquisador, com uso que teria interesse para a indústria e repercussão na sociedade, tanto pelo grande número de potenciais consumidoras, como pelo montante de dinheiro em que isso poderia redundar.

O pajé queria que o pesquisador soubesse sobre aquela simples planta e sua atividade incomum. E falou o que sabia sobre ela, de maneira simples, talvez até numa postura um tanto ingênua, mas queria dizer, e disse.

No Brasil, a legislação para essa situação existe. Poucos exemplos de repartição de benefícios são citados para trabalhos de bioprospecção realizados em todo o país. O que poderia ser feito no caso desta planta do Cerrado, o pajé indígena e o pesquisador em seu trabalho de tese? Poderia haver um potencial grande valor econômico e o interesse da indústria farmacêutica?

E quanto vale o acesso à planta? E o acesso ao conhecimento gentilmente cedido pelo ancião? Como poderia ser a negociação? E com quem negociar? O pajé? Com a comunidade? Com o pesquisador?

Concentrado e curioso, este não anotou nenhuma informação em seu caderno de campo sobre o que o pajé havia dito. E nenhum *voucher* foi coletado. Para evitar que tudo isso fosse apropriado de alguma forma, ao arripio da lei, no produto de sua tese, guarda apenas em sua memória a visão da simples planta do Cerrado e as informações sobre sua propriedade dita pelo velho pajé.

Melhor assim, pensou. E fez.

Depois do inferno, o inverno

*Eduardo Almeida Silva*¹⁷

Prefácio

Quando Graciliano Ramos escreveu “Vidas Secas” e trouxe a visão naturalista sobre o sertanejo, me desagradou. Na verdade, fui desagradado em dois momentos: o primeiro, quando tudo na vida do homem do sertão se traduz em desgraça; o segundo, quando me senti impotente em poder escrever uma história com final feliz.

Capítulo um – As águas

Passou-se a seca.

A tenebrosa época do ano que todo nordestino conhece bem, mas que nos dias de hoje está sendo contornada das formas mais criativas. Veja bem, você que está lendo, quem escreve sobre o que não viveu, muitas vezes mente. Lembre-se que nem tudo que se ouve, houve, e nem tudo que se lê, se crê.

17 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

Pois bem, eu vivi a seca e vi o indomável instinto humano de sobreviver, mas meus pais viram coisa muito pior e nem reclamam. Então, digo que a história que você está lendo é meramente fictícia; todavia isso não quer dizer que ela não aconteceu ou que não possa ter acontecido.

Como vinha dizendo, a seca se extinguiu com o passar dos meses e foi superada com primazia. Foram sim muitos os momentos em que se pensou em desistir e muitos os motivos para não fazer isso. São alguns momentos que marcam os períodos difíceis, como o dia em que um ruivo chucro, sua esposa, seus dois filhos, um papagaio e uma cachorra magra passaram pela nossa casa, pediram um copo de água e saíram rumo a não sei onde, seguindo suas vidas.

Coisas boas também acontecem e isso que torna viver uma experiência tão prazerosa. Primeiro foi o telhado de nossa casa, que painho reformou. Foi uma luta: sobe caibro, desce ripa, sobe telha, quebra telha, desce telha, ajeita prego, bate o dedo, essas coisas. Mas acabou e lá estava um telhado novinho de telhas romanas muito bem enfileiradas e alinhadas. Depois foram as calhas: corta zinco, entorta zinco, parafusa, prende, testa, tudo certo. Eu não sabia para que tudo aquilo servia, mas senti que algo bom viria, e veio.

Chegou a cisterna! Projeto do governo, dezesseis mil litros de água da chuva para ninguém mais ter sede; e aí tudo se conectou: o telhado, a calha, a cisterna. Foi o plano perfeito, como alguém poderia pensar nisso? Guardar a água limpa da chuva para beber.

Não o bastante, nosso rio temporário foi barrado e a água da barragem começou a ser encanada para o povoado, que a essa altura do campeonato foi crescendo e bebendo água

sempre que convinha. A barragem foi uma ideia boa, no começo. É o que eu digo, coisas boas acontecem, mas agora acontecem com um preço.

Durante o período das águas ou inverno, tudo bem, o rio enche, a barragem enche, a cisterna enche, tudo fica verde. E aí vem a estiagem, o verde fica branco, a cisterna resiste, a barragem resiste e os poços descendo o leito do rio cada vez mais secos. Veja bem, se os últimos resquícios de água ficam na barragem e não descem o rio, os poços secam rápido e não dá para pescar.

Não disse antes, mas sou ávido pescador, habilidoso, um dos melhores. Mas não como peixe. Gosto de pescar e agora não posso, pois não tem poço.

— Mano, pesca na barragem!

— Não dá! Não tem peixe lá.

— Barril.

Não cheguei a contar, mas tenho amigos como todos têm. Tenho mãe, pai, irmã e um cachorro (todo mundo aqui tem um cachorro).

— Cara, eu preciso pescar.

— Tenho uma ideia.

Capítulo dois – Painho, mainha e a lida diária

Painho era um cabra forte. O mais forte cabra que já vi. Ele poderia fazer uma cerca com maestria antes do almoço e pela tarde plantar vários hectares; de noite regava as plantas e, não cansado, procurava qualquer coisa para fazer. Sendo sincero, acho que se ele parasse para descansar ele explodiria ou algo assim.

Particularmente, eu nunca prestei para trabalhar e esta é a verdade. Não confunda isso com não ter vontade de trabalhar, eu a tinha, mas nunca consegui desenvolver habilidades. Eu só era bom em uma coisa: pescar. Pescar de vara e anzol, em um poço na sombra, era meu passatempo favorito.

Mainha vivia em casa. Cuidava de tudo, vendia roupa na feira e cozinhava como ninguém. Até mesmo o peixe ficava gostoso. Mainha é uma mulher forte, a mais forte que já vi. Podia trabalhar o dia inteiro na feira e ainda assim lavar a casa inteira todos os dias. Sendo sincero, acho que ela explodiria se parasse para descansar.

Particularmente, eu não prestava para as tarefas domésticas. Sempre fui muito desarrumado e para mim a casa sempre estava limpa e no máximo eu varreria uma vez por semana. Um desastre, segundo minha mãe.

O que eu fazia, então? Eu estudava, ora! Não disse que as coisas melhoraram? Há internet e escola, o que poderia querer mais? Pescar.

Meu Deus! Não podia passar uma tarde trancado na sala de aula sem me imaginar à sombra de uma árvore botando a isca no anzol e lançando a chumbada no poço. Mas não tinha poço. E eu estava estudando ciências.

— A mitocôndria produz energia, alunos?

— SIIIIIM.

E o sinal tocou, eu corri para casa e não tinha poço.

Capítulo três – A vara de bambu e o cascudo

Ocorreu o seguinte diálogo:

— Ei véi, bora?

- Certeza?
- Certeza.
- Então bora!

Eu disse para você que está lendo que eu tenho amigos. O que eu não disse é que eles têm as ideias mais idiotas que eu já ouvi e que, para piorar tudo, eu era mais idiota que eles e embarcava nas maiores laranjadas da história. Dessa vez não foi diferente.

Dito isso, eu explico a você o plano e como ele deu errado:

Você deve estar sabendo que não há mais poços para pescar. Bem, não há em propriedades públicas. Como em qualquer lugar do mundo, quem tem dinheiro faz chover, e fizeram. Fazendeiros criaram suas lagoas para piscicultura, encanaram a água da barragem e agora têm seus “poços particulares”.

A ideia era bem simples. A gente invade a propriedade de fininho, pega uns cascudos e vai embora. O que deu certo: invadimos. A cerca não era eletrificada e não tinha cachorro. O que deu errado: eu não sei nadar. Caí no poço e meu amigo correu para buscar ajuda. Achou ajuda e encrenca para nós. Fim da história.

Ao chegar em casa na pickup do caseiro, meu pai e minha mãe já sabiam de tudo. “Maldito seja o WhatsApp”, pensei. Ao contrário do que imaginei, fui bem recebido. Claro, quase morri, mas isso só veio passar na minha cabeça depois.

Como ainda era de meio-dia, almoçamos e meu pai me chamou. Armou a tralha de pesca dele e me deu uma vara de bambu novinha de presente. Aparentemente, ele se compadeceu de minha vontade de pescaria. Montamos na moto e fomos longe como eu nunca antes havia ido. Chegamos ao leito seco de um outro rio que eu não conhecia. Meu pai,

muito mais experiente, nos guiou até o poço mais maravilhoso que já tinha visto. A água escura, sombreada de árvores e com os peixes pulando: era o paraíso.

Eu achava que era bom pescador, mas sempre que pescava com meu pai eu ficava abismado com tamanha habilidade. Eu não sei se ele estava tentando me dar uma lição ou se estava feliz por eu estar vivo; mas isso não importava, eu estava pescando em um poço à sombra de uma árvore e estávamos pegando muitos peixes.

Parecendo mágica, todos os peixes eram iguais.

— É cascudo —, disse meu pai.

— É Loricariidae. Eu vi na aula de Ciências —, disse eu.

— É cascudo.

Sinceramente, não importava o nome científico. Eu estava com meu pai. Chegando em casa, depois da pescaria, minha mandou a gente imediatamente limpar os peixes: — Se não limpar os peixes não entram em casa! — Limpamos os peixes e ela foi salgar. Eu estava feliz.

No outro dia, perguntei:

— MAINHA! VAI TER PEIXE PRO ALMOÇO? Hoje eu iria me esforçar para gostar.

— Vai ter não! Tão secando lá no fundo de casa! — Graças a Deus, pensei.

Assembleia

*Eraldo Medeiros Costa Neto*¹⁸

Sacis, com seus cachimbos, limpam o ar das impurezas etéreas, preparando o ambiente.

Mães-d'água se enfeitam e se exibem nos ribeirões.

O voo ligeiro da Matintapereira indica que a assembleia está para começar.

Todos se acomodam em seus lugares para ouvir o anúncio da Mãe-das-matas:

— É preciso falar aos homens, os irracionais, fazendo-os escutar o saber dos ventos, o crepitar do fogo interno e o rumor buliçoso das águas. Talvez, assim, desperte-se neles o sentimento de vir a se tornar Uno no Todo. Ainda dá tempo. É chegado o tempo.

E todos saem para espalhar as boas-novas a todos os viventes.

Tempo ... Tempo ...

18 Docente dos cursos de Pós-graduação em Botânica e em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana.

O cortejo

Eraldo Medeiros Costa Neto¹⁹

Pia a cotovia do alto do abeto.

Borboletas, em círculo, voam acima das campânulas.

Abaixo, no folhiço, passa ligeiro uma centopeia perseguindo sua próxima refeição.

Da entrada de uma toca, na parte baixa do toco do teixo,

Gnomos observam, alegres, o cortejo de caramujos e lesmas, que desfilam orgulhosos deixando um rastro de brilhoso muco, pois sabem que, em poucos dias, a Princesa das Fadas anunciará a chegada do outono.

Bolotas de carvalho devem ser mantidas a salvo das bocas gulosas de esquilos, javalis e cervos

para que ao menos os rebentos possam germinar na próxima primavera.

Os elfos que habitam no velho carvalho mantêm a tradição.

Tierfaun, o regente do carvalho, dá seu comando e todos dançam ao redor da pequena guarnição de cogumelos à luz bruxuleante dos raios de sol que alcançam a multidão abaixo.

A floresta, encantada, resplandece em Vida.

19 Docente dos cursos de Pós-graduação em Botânica e em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana.

História de pescador

Pedro Henrique Oliveira Sampaio²⁰

O ambiente aquático por si só é deveras misterioso, uma vez que a baixa visibilidade e desconhecimento do que se pode encontrar abrem espaço para a imaginação. Em comunidades ribeirinhas circulam diversas lendas e histórias sobre acontecimentos sobrenaturais e seres de força sobre-humana, histórias estas que podem marcar as comunidades de forma visceral, ocasionando o surgimento de ritos e procedimentos para venerar ou afastar estes seres.

No imenso rio São Francisco, carinhosamente apelidado de “Velho Chico”, a lenda do Nego d’Água é forte entre as comunidades ribeirinhas, principalmente nas proximidades de Juazeiro, onde o protagonista dessa lenda ganhou até uma estátua em sua homenagem. O Nego d’Água, dizem, é um homem negro, muito alto, esguio e com características de anfíbios e peixes. Vive nos rios e se manifesta por altas gargalhadas, linhas cortadas, redes rasgadas e pessoas puxadas para nunca mais saírem das águas.

Nas comunidades de pescadores é comum, principalmente entre os mais velhos, levar algum agrado a esta entidade ao se aventurar nos rios. Geralmente as pessoas depositam

20 Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da UEFS.

garrafas de aguardente na água ou, após a pescaria, deixam alguns peixes como tributo. O pescador Erenildo, residente de Juazeiro e que trabalha há mais de 50 anos nessas águas, afirma ter encontrado o temido Nego d'Água enquanto se banhava no rio. Segundo ele, a entidade é muito mais assustadora do que a gigantesca estátua erguida no São Francisco: — “Não tem nenhuma semelhança. Ele é muito mais feio”.

Como conta Erenildo, já passava das cinco e meia da tarde quando ele resolveu se banhar no rio. Ao entrar, viu somente o topo de uma cabeça careca e escura emergir da água. Aquela figura o encarou, paralisada, sem esboçar um movimento por alguns segundos, os quais foram aterrorizantes para o pescador. Erenildo, que estava com água até o peito, não tardou a nadar para a margem, porém, ao olhar para trás, viu que a criatura mergulhou. Sentia a sensação de que teria sua perna puxada e nunca mais veria a luz do sol, mas para sua alegria, conseguiu chegar à margem e não mais viu a entidade.

Os relatos dessa lenda são infundáveis e vêm de diversas áreas do Brasil. Neste relato de Minas Gerais, cujo relator não se identifica, os protagonistas são crianças de uma cidadezinha mineira, próxima à zona rural. Segundo quem conta a história, certa vez, quando pequeno, reuniu-se com um grupo de amigos; para provar coragem, foram a um riacho que possuía a fama de ser habitado pelo Nego d'Água. Ao chegar neste riacho, apesar do medo, a descrença e a vontade de mostrar bravura foram sobressalentes e os jovens entraram e se banharam. Porém, com pouco tempo de diversão e zombarias um dos rapazes foi puxado para debaixo d'água. Em meio aos gritos, um fazendeiro que por ali passava foi ao encontro dos jovens, mas nada pôde fazer pelo garoto que

desaparecera, que foi encontrado boiando alguns dias depois mais abaixo do curso deste riacho, apresentando marcas de mordidas e arranhões.

Alenda apresenta diversas divergências entre as comunidades que a contam, variando em morfologia da entidade e hábitos, porém apresenta o mesmo cerne, representando um homem forte com características de peixe e/ou de anfíbio. Deste modo fica difícil precisar como e onde surgiu essa criatura. Alguns afirmam que o Nego d'Água surgiu a partir de um menino arreiro que vivia às margens do rio São Francisco e costumava perturbar as lavadeiras jogando suas roupas recém-lavadas no rio para serem carregadas. Este menino cresceu e ao se tornar um bom nadador passou a pregar peças nos pescadores também. Reza a lenda que dois pescadores já cansados com o garoto o embebedaram e o jogaram amarrado em uma rede no rio para se afogar, mas uma figura mitológica, conhecida com mãe dos peixes, se compadeceu com a situação do garoto e lhe concedeu a capacidade de respirar debaixo d'água, para que este pudesse se vingar dos pescadores, porém retirando-lhe a possibilidade de voltar a viver em terra.

A lenda do Nego d'Água é mais uma rica história do povo brasileiro, seja ela verdade ou não, e é passada geração a geração por comunidades ribeirinhas, comunidades estas que são um pilar importantíssimo para a preservação do patrimônio histórico e cultural do Brasil.



Fonte: Eraldo Medeiros Costa Neto

Nas margens do rio Pojuca

Geovanna Sena de Abreu²¹

No interior da Bahia, havia uma bela vila formada por pessoas que viviam ao redor do famoso Rio Pojuca, convivendo de forma harmônica com a natureza. Os habitantes dessa comunidade tinham um enorme respeito por todas as expressões naturais que estavam presentes naquele local, desde o solo que pisavam, até a água que bebiam. A vila era um lugar mágico, com uma grande diversidade de plantas e flores, animais que eram mais que amigos do homem e era protegida pela deusa Tália, que trazia ainda mais encanto para a vida dos que lá viviam.

Bem próximo ao rio vivia Seu Acácio, um senhor que tinha dedicado toda sua vida para o bom desenvolvimento da comunidade e sem interferência de pessoas de fora. Ele era considerado uma figura importantíssima para todos da vila, nenhuma decisão era acatada sem que passasse por ele. Porém, décadas depois, algo aconteceu da noite para o dia e ele se viu de mãos atadas, sem saber o que fazer.

Como a vila era algo lindo e mágico aos olhos de quem via, acabou despertando o interesse de alguns turistas que estavam passeando por ali há algumas semanas atrás, os quais

21 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEMS.

rapidamente fizeram de tudo para conseguir construir um grande espaço de turismo bem próximo ao rio.

Após instalar suas acomodações os turistas receberam a visita de Seu Acácio, que questionava o que eles estavam fazendo ali e que não era permitido ficar, eles deveriam ir embora. Entretanto, os viajantes fizeram pouco caso do que havia sido dito pelo senhor e continuaram suas instalações. Semanas depois a comunidade estava repleta de turistas, o que ocasionou um acúmulo imenso de lixo que estava afetando toda a natureza em volta da pequena comunidade.

Os peixes estavam morrendo, as plantas e flores murchando, os animais se alimentando de comidas que eram tóxicas para eles e os nativos se sentindo ameaçados, visto que os turistas estavam invadindo e fazendo mau uso da natureza daquele local. Em completo desespero, num ato de clemência, Seu Acácio vai até o meio da floresta que rodeava a comunidade e colhe uma infinidade de belas flores com cores variadas, as arruma em seu barco e sai distribuindo pelo rio Pojuca como uma oferenda à Tália, a deusa dos rios, enquanto canta com todo fervor canções belíssimas, pedindo pela proteção de sua vila. Foi mágico!

Passados três dias, houve uma grande cheia no rio Pojuca que acabou destruindo a fundação do espaço de turismo, o que fez todos aqueles viajantes saírem dali e encontrar outros rumos. Extremamente feliz e realizado com a saída dos intrusos, Seu Acácio, juntamente com todo o resto da comunidade, fizeram um grande mutirão para limpar toda a vila e depois confraternizaram com o coração cheio de esperança de que viveriam dias de paz dali para a frente.

Bênção

Gustavo Ferreira de Santana²²

Reza, benza, cura.
Nas mãos, a fé
Nos ramos, proteção.
Vida marcada na crença.
Cura, reza, benza.

Dom, sabedoria ancestral
No corpo, alma e coração.
Devota, livrai-nos de todo mal.
Calmaria, através da oração,
É verdadeira bênção.

22 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

O menino e a bruxa

*Emanuel Oliveira da Silva Cunha*²³

Em uma terra distante, onde existiam bruxas, feiticeiros, fadas e outros seres mágicos, existia também um povoado onde as pessoas viviam tranquilamente. Era um lugar simples, composto em sua maioria por pessoas que plantavam seu alimento ou extraíam da terra a matéria-prima para fabricar seus produtos. No entanto, dentre todos que ali moravam, havia uma bruxa muito rica que morava no topo de um morro. Sua casa era muito bonita e construída com o melhor material que se poderia encontrar, possuindo um lindo jardim encantado.

Todos dela tinham medo, pois por mais que ela não falasse com eles, era de conhecimento comum que ela detestava as pessoas dali. Por segurança, as pessoas evitavam chegar perto do morro e os pais proibiam seus filhos de irem brincar por ali. Uma noite, no entanto, um homem subiu o morro e invadiu o jardim da bruxa para pegar um pouco das frutas de uma bela árvore que ela tinha. Seus frutos eram coloridos e brilhavam como se fossem feitos de vidro. Mesmo voltando escondido para casa, na manhã seguinte uma visita o esperava à porta, nada feliz.

23 Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da UEFS.

A bruxa jogou sobre a família um feitiço para que todos que tivessem comido dos frutos se transformassem em animais, o que resultou que quase todos ali se converteram em pequenos pintinhos, coloridos com as cores das frutas. Apenas João, que não conseguiu comer por ter dormido demais, não se transformou. O menino se jogou aos pés da bruxa e implorou por misericórdia, oferecendo-se para trabalhar no lugar de seus parentes, mas ela não aceitou. Apesar das negativas, João insistiu até a bruxa não aguentar mais e dar a ele três missões para resgatar sua família.

— Se é a sua família que você quer, então vai precisar merecer. Para pagar pelos erros deles, eu quero que você faça três coisas para mim. — Ela pensou um pouco batendo o dedo indicador no queixo.

— Eu quero um casaco feito com nuvens macias e leve para vestir. Quero que traga a pessoa que eu mais amo para mim. Por fim, quero que me traga frutas de ouro tão amarelas quanto o sol.

— Mas como eu vou fazer isso? — O garoto estava aflito com aqueles pedidos. — Dê-me uma dica.

— Entenda sua situação, garoto, isso não é problema meu. — Ela colocou os pintinhos num saco e subiu em sua vassoura para partir — Se não trouxer para mim o que pedi em seis meses, irei colocar sua família na panela.

Assim, a bruxa partiu deixando o garoto sozinho na casa para chorar achando que tudo estava perdido. Depois de muito tempo derramando suas lágrimas, decidiu tentar cumprir as tarefas. Arrumou aquilo que julgava ser importante para sua aventura em uma sacola de pano, botou sua bota e partiu mundo afora em busca dos itens que a bruxa havia pedido. Estava determinado a salvar sua família da bruxa malvada.

As primeiras semanas se passaram com o garoto viajando por estradas, seguia perguntando por informações e ajudando pessoas necessitadas. Apesar da jornada difícil, seu coração era bom e buscava ajudar quem precisava, pois ele sabia como era difícil não ter a quem pedir ajuda. Uma noite, ao repousar sob uma grande árvore, sua resposta veio através dos sonhos. Uma pequena borboleta apareceu diante dele e se revelou como uma boa fada que estava ali para ajudar.

— Escute bem, pequeno rapaz, pois trago para você a resposta da primeira tarefa. Assim como o casaco que a bruxa deseja, seu coração é leve, livre de maldade. A recompensa pelos seus atos virá nessa manhã ao acordar. A primeira coisa que deve fazer é olhar ao seu redor e então encontrará as nuvens que caem do céu. Com elas, você deve fazer o casaco da bruxa.

Assim como ela havia dito, ao acordar olhou o chão ao redor da árvore e se surpreendeu com uma grande quantidade do que parecia ser pequenos pedaços de nuvens. Acontece que a árvore debaixo da qual dormia era uma *Paineira*, e seus frutos estavam agora caindo e se abrindo, revelando a fibra branca que protegia as sementes. Se pôs a juntar o máximo que podia para poder fazer o casaco que havia sido pedido. Quando terminou, perguntou o que faria pois não conhecia a maneira certa de fazer um casaco.

Observando a fibra que caía da paineira voando notou que acabavam se prendendo na teia de aranha próxima à árvore. Sua mente iluminou-se com a ideia que teve naquele momento. Pegou a teia de aranha e passou a transformar em fios enrolando-os em pequenos pedaços de madeira, assim como viu sua avó fazer uma vez com a lã de ovelha. Contudo, não poderia fazer aquele casaco agora pois iria amassar inteiro.

Continuou a andar pelo mundo conhecendo novos lugares e pessoas, continuava a perguntar por informação a respeito do que faltava. Já haviam se passado dois meses na estrada quando topou com um fazendeiro com sua carroça quebrada. O homem estava sentado numa pedra esperando alguém para ajudá-lo. João se prontificou, mas pediu por um canto para dormir naquela noite, ao que o homem concordou. Juntos consertaram a carroça e arrumaram o que havia caído para seguirem em direção à fazenda dele.

Apesar de ter um teto sobre sua cabeça, João não conseguia dormir direito e acordou mal no dia seguinte. Sobre a mesa havia uma fruta tão amarela quanto o sol e redonda como tal, encantado perguntou ao fazendeiro que fruta seria aquela e então descobriu o Maracujá. Comeu bem naquela manhã e se preparou para partir, combinou com o homem de retornar um dia para pegar uma muda da planta, o fazendeiro aceitou depois de saber a triste história do garoto.

Novamente, João se colocou a caminhar através das estradas, percorria em busca da tal pessoa que a bruxa tanto amava. Conforme o tempo passava, mais duvidava que alcançaria sua tarefa. Dúvidas começaram a acumular em sua cabeça, era jovem demais para algo tão difícil. Havia parado na beira de um laguinho para comer e descansar, mas passou a maior parte do tempo chorando entregue ao seu desespero. Deixou a angústia extravasar para fora da alma até os soluços desaparecerem.

Por fim, se levantou e lavou o rosto no lago, ficou ali sentado e quando a água por fim acalmou revelando sua feição chorosa, algo passou por sua cabeça. Talvez não houvesse esse alguém. A bruxa nunca quis contato com ninguém da vila

desde que lá chegou, então quem poderia ter sido capaz de conquistar seu coração amargo além dela mesma?

Já haviam passado quatro meses desde que o garoto se colocou nessa viagem interminável para buscar aqueles itens impossíveis. Sentia saudades da sua família, até mesmo do seu irmão mais novo que sempre o irritava, apenas queria voltar para casa e encontrar eles de volta. Arrumou suas coisas determinado a acabar com aquilo de uma vez por todas e partiu rumo à casa da bruxa. O caminho foi ainda mais rápido agora que tudo parecia estar resolvido.

Passou por uma cidade e comprou um espelho enfeitado com adornos de prata, aquilo deveria cumprir com a ideia de ser a pessoa que a bruxa mais amava. O guardou em sua bolsa e seguiu até sua próxima parada, as frutas douradas. Correu para a fazenda e cobrou aquilo que o fazendeiro prometeu, mas foi surpreendido com a negação do homem. João estava aflito, mas aceitou passar uma semana ali em troca daquelas frutas que lhe prometera.

Por fim, faltando alguns dias, chegou no seu povoado onde procurou sua avó para ajudá-lo com a sua última tarefa, fazer o casaco com a fibra da paineira. A velha senhora não recusou, pois assim como ele desejava ter sua família de volta, apesar de sua idade não permitir que corresse o mundo. Com seus dedos enrugados e experientes teceu habilidosamente a fibra com a seda de aranha. O casaco era lindo e leve, ainda adicionou pequenas contas de vidro. A bruxa não poderia deixar de reconhecer seu esforço.

Então no último dia de seu prazo, o garoto bateu na porta da bruxa, assim como ela tinha feito antes de levar toda a sua família embora. Suas mãos tremiam, mas ainda teve forças

para bater na porta de madeira pesada. Enquanto esperava sua ansiedade aumentava na mesma intensidade que os saltos da bruxa ecoavam pelo piso de sua residência. Surgiu à porta trajando luxuoso vestido e um colar de pérolas.

— Suponho que não terei ensopado de galinha hoje. — Ela abriu seu leque de plumas e se abanou. — Então, cadê o que me deve?

— Quero ver minha família primeiro, prove que eles estão bem. — Apesar de parecer corajoso, era apenas por fora.

— Me ofende que duvide de minha palavra, mas irei conceder isso. — Com um gesto de suas mãos, fumaça colorida transbordou no ar emergindo misteriosamente de seus dedos, então surgiu uma gaiola com pintinhos coloridos. — Pois bem, aqui estão.

Não poderia ter certeza, mas ainda assim retirou os itens de sua mochila. Primeiro o casaco, o qual encheu os olhos da bruxa com sua beleza. Ela o vestiu e rodopiou, parecia bastante satisfeita, apesar de ter estalado a língua ao perceber que não se tratavam de nuvens verdadeiras. Logo depois foram as frutas que haviam terminado de amadurecer e estavam tão amarelas quanto ouro, os maracujás eram do tamanho de um punho. Novamente ela observou atentamente, não tão impressionada, mas ainda assim curiosa acerca daqueles frutos estranhos.

Quando chegou a vez do último item, ela apenas o encarou impassível, possivelmente esperando alguma tentativa de enganá-la. João tirou o espelho lentamente de sua bolsa e depositou na mão cheia de anéis da bruxa, ela o girou na mão e então observou o reflexo antes de encarar o garoto. Ele permaneceu firme em seu lugar.

— Confesso que não esperava que conseguisse achar qualquer uma dessas coisas, até porque não existem de fato,

mas seu esforço é admirável. — Ela estalou os dedos e a gaiola que havia colocado no chão se desfez. Os pintinhos correram para fora enquanto lentamente retornavam às suas verdadeiras formas. — Agora saiam do meu terreno.

A bruxa fechou a porta com força deixando a família matar a saudade. Puderam então se abraçar e retornar para casa em paz enquanto João contava sobre as suas aventuras para a família. Naquela noite não comeram nenhuma fruta colorida mágica e foram dormir felizes para sempre.

O dilema de Crista

Matias Silva Ferreira e Silva²⁴

O sol se erguia lentamente sobre o quintal da fazenda do Sr. Vicêncio, pintando o céu de tons suaves de laranja e rosa. No galinheiro, a agitação começava a crescer à medida que se aproximava o horário das lutas de galos. Crista, um galo jovem e de penas pretas, observava com apreensão os preparativos para o confronto. Ele sempre fora contra as brigas de galos, mas seu dono, Sr. Vicêncio, insistia que era parte da tradição da fazenda.

— Crista, hoje *é* seu dia. Você precisa mostrar sua força lá fora. — Apesar da cobrança em sua voz, o galo sentia um carinho vindo de seu dono. Talvez esse tenha sido o motivo de ter participado de todos os treinamentos intensos ou de não ter fugido quando teve chance. Enquanto o homem o agarrava pelas asas, levando-o para o cercado que tinha construído em seu próprio quintal, o galo tentou apelar para a amizade.

— Senhor, não seria melhor viver em paz? Tenho muito mais a oferecer se eu estiver aqui, inteirinho. — Vicêncio respondeu imediatamente, curto e grosso. — A vida na roça *é assim. Quem não luta, não come.* — Era inegável a desaprovação nos olhos do homem, que balançou a cabeça, ignorando os

24 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

apelos de Crista. Para ele, as lutas de galos eram um evento esperado e não havia espaço para argumentos.

Contra sua vontade, Crista foi levado para a arena improvisada onde as lutas ocorriam. Ao ver seu oponente, ele decidiu tentar uma abordagem diferente. — Amigos, por favor, escutem-me. Esta luta não passa de entretenimento para os humanos. Não vale a pena se machucar por causa disso. — Seus apelos foram recebidos com olhares desconfiados e murmúrios entre os outros galos. Mas quando a ração fresca e o milho foram exibidos como recompensa, suas palavras caíram em ouvidos surdos. Seu oponente, Maximus, um galo de penugem marrom, exibia machucados em seu corpo que denunciavam que ele estava há muito tempo naquela situação.

— Desculpe, parceiro, mas a fome me consome. Eu preciso dessa comida. — Enquanto enfrentava seu oponente, o galo lutava não apenas contra ele, mas também contra sua própria culpa. Ele não queria estar ali, mas se sentia impotente diante da pressão de seus instintos e da expectativa de seu dono. Com um golpe bem calculado, Crista finalmente derrubou o oponente, conquistando a vitória. A recompensa veio na forma de uma porção de ração fresca, oferecida pelos humanos que assistiam à luta. Crista hesitou por um momento, mas a fome e a excitação de sua vitória o levaram a se aproximar e aceitar a comida. Um após o outro, os galos se lançaram na briga. Incapaz de deter a maré de violência, Crista foi forçado a lutar, ganhando todas as partidas. Enquanto as lutas prosseguiam, o galo se tornava cada vez mais confiante em suas habilidades, a cada vitória seu ego inflava e sua avareza crescia.

Na última luta do dia, ele enfrentou um galo menor, mas corajoso. Enquanto se preparavam para o confronto, Crista

sentiu uma onda de conflito interno. — Pare com isso! Não se machuque. Juntos, podemos resistir a essa loucura. — Surpreendentemente, o outro galo pareceu considerar suas palavras, hesitando por um momento. — O que podemos fazer? A fome nos força a isso. — Entretanto, antes que pudessem chegar a uma solução, Vicêncio anunciou que a recompensa seria dobrada. — Vamos lá, rapazes! Dobrarei a quantidade de comida para o vencedor desta última luta! — A visão da comida extra fez com que Crista perdesse completamente a razão. Cegado pela ganância, ele investiu contra seu oponente com ferocidade. O galo menor aproveitou de seu tamanho e velocidade para desviar de todas as investidas e atacar sempre que Crista abria a guarda. No final, foi este quem saiu derrotado, caído no chão, exausto e desiludido. Enquanto ele se levantava, viu o galo ganhador observando a cena com olhos ávidos e uma expressão de desejo. Crista percebeu com tristeza que sua avareza havia despertado algo semelhante em outro ser.



Fonte: Eraldo Medeiros Costa Neto

A tradição da rinha de galo

Leonardo Sampaio Campos²⁵

No interior do sertão, onde o sol queima o chão,
Onde o vento conta histórias e a vida é tradição,
Há um evento clandestino, que desperta a atenção
É a rinha de galo, uma velha paixão.

No terreiro de terra, na luz do luar,
Homens se reúnem para a luta presenciar,
Com apostas altas e corações a palpitar,
Os galos se preparam para o embate enfrentar.

O galo valente, de espora afiada,
Criado com cuidado e destreza treinada,
Encara o adversário, com a postura elevada,
Pronto para a batalha, na arena ensolarada.

Com penas reluzentes e olhar penetrante,
Os galos se enfrentam, num duelo vibrante,
Com esporas afiadas, o embate é constante,
Enquanto a plateia observa, ansiosa e expectante.

²⁵ Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

É uma dança de bravura, de destreza e vigor,
Onde o mais forte prevalece, com garra e fervor,
Mas, às vezes, é a astúcia que vence o labor,
Numa reviravolta surpreendente, sem temor.

E assim segue a rinha, nessa noite de luar,
Com galos destemidos, prontos para lutar.
É uma tradição antiga, difícil de explicar,
Que continua acesa, no coração do lugar.

Mas que fique o aviso, para quem quiser escutar
Que a rinha de galo, embora fascinante,
É uma prática cruel, em nada glorificante,
Pois o verdadeiro valor está em respeitar e amar.

Vida pesqueira na Bahia

Daniela dos Reis Miranda²⁶

Oh, minha linda Bahia!
Terra onde você tem que ver para crer
Cheia de brilho e gente que sabe sobreviver
Homens que pescam do anoitecer ao amanhecer para ter o que
comer

Oh, minha linda Bahia!
Terra cheia de alegria e águas perfeitas
Tão perfeita que dá um aperto no peito
Objeto de pesca nas praias do Rio Vermelho

Oh, minha linda Bahia!
A vida pesqueira em terrenos que não são fáceis
Mares, rios e lagos atualmente em desastres
Será que voltaremos a sorrir outra vez?

Oh, minha linda Bahia!
A pesca no rio e no mar não é fácil de explorar
Tem que ser retad@ para aguentar
e não deixar a família se abalar

²⁶ Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

A barraca da Tanajura

*Isabela Caroline Barbosa Oliveira*²⁷

Tanajura era uma jovem formiga que tinha um sonho de abrir um restaurante. Ela trabalhava na cozinha de um velho castelo onde recebia muito mal.

— Ah, o que será de mim? Vou morrer trabalhando nesse castelo — pensava a Tanajura.

Além de receber umas migalhas por dia, Tanajura tinha que suportar os maus tratos de sua madastra e suas irmãs que viviam às suas custas, pegando todo o seu dinheiro. Tanajura achava que jamais poderia realizar seu sonho. Pobre formiga!

Um belo dia um senhor Sapo bem aparentável chegou na cidade, onde surgiu um grande burburinho que ele seria um famoso caça-talentos. Logo na manhã seguinte de trabalho, o Rei Coelho informou que o senhor Sapo iria jantar no castelo e que os empregados organizassem uma boa recepção. Tanajura não se animou muito, pois pensava que ninguém poderia se interessar por uma pobre formiga cozinheira.

Na noite após o jantar, o Rei Coelho solicitou a presença de Tanajura na sala de reuniões. Ela logo temeu o pior achando que iria perder seu emprego, que por mais miserável que fosse era o único que tinha.

27 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

— Boa noite. Vossa Majestade solicitou a minha presença e aqui estou.

— Ora, minha jovem formiga! O senhor Sapo despejou elogios sobre o jantar que preparastes. Pediu que a chamasse para conversarmos.

Tanajura logo se assustou com a situação inesperada e imediatamente se apresentou ao Sapo e agradeceu os elogios. Então, o senhor Sapo perguntou:

— Tanajura, não tens vontade de trabalhar em seu próprio negócio?

A pequena formiga, triste, respondeu: — Ora, senhor Sapo, é o meu sonho, mas não tenho condições para isso. Sou muito humilde e sustento minhas irmãs e madastra, aproveitadoras. — O Sapo, comovido com a narrativa triste da formiga, pediu ao Rei Coelho permissão para ajudar a formiga a montar sua barraca de comidas.

Tanajura não acreditou no que estava acontecendo. O caça-talentos senhor Sapo divulgou nos jornais da cidade que a formiguinha mão cheia na cozinha estava com uma barraca de delícias no centro da cidade, onde foi o maior sucesso. Em apenas um mês a jovem formiga se mudou para a própria casinha, livrando-se assim de suas parentes aproveitadoras. Trabalhou na sua barraca todos os dias com dedicação e viveu feliz para sempre.



Fonte: Eraldo Medeiros Costa Neto

O Pintinho Azul

*Luiz Gustavo Lima Cordeiro*²⁸

Este texto é narrado por um pintinho, filhote de uma galinha de granja.

Cloc! Cloc! Estou quase lá. Já consigo ver uma luz. Cloc! Que casca dura. Cloc! Acho que só mais uma bicada aqui e um chute ali e CLOC! Finalmente saí desse ovo.

Ué! Como assim eu nasci dentro de uma caixa quente? Não era isso que eu estava esperan... Uahhh! O que foi isso? Para onde estão me levando? Quem são vocês? Ei! Cuidado com minhas asas. Nem dez minutos de nascido e já estão me tratando assim.

Piu! Piu! Piu! Piu! Piu! ...

Mas que zoada toda é essa? Como aqui está apertado e abafado. Nossa! Quantos pintinhos. Por que colocaram a gente a... Ai, meus olhos! Não estou conseguindo enxergar na... Uahhh! Cuidado com minhas pernas. Ei! Agora foi o pescoço. Que tipo de tratamento é esse?

Ufa! Finalmente, estou conseguindo enxergar alguma coisa. Mas está tudo tão turvo... Quantas dores.

— Olha os pintinhos coloridos! Olha os pintinhos coloridos! Um é dois, três “é” cinco...

28 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

— Um é dois, três são cinco? Moço, eu quero um pintinho colorido.

— Certo. Quer qual?

— O pintinho azul.

Que susto! Como você me pega assim? Eu estava tentando dormir. Mas nem isso é possível. Hum! Que dor é essa nesse bico? Não me lembro de ter batido em nada.

Ei! Olha como você me coloca nos lugares, seu... seu ser estranho. Nossa! Para onde estão me levando?

Se eu soubesse que seria assim, não teria feito tanto esforço para sair daquele ovo. Agora estou aqui com dores no pescoço, no bico, nas asas, nas pernas, sem enxergar direito e ... Piu!

— Quando eu abrir a caixa, você vai ver a sua nova casa. Pintinho azul???

...

Flores à deriva

Roberta Emilly Martins da Conceição²⁹

Um homem solitário no mar,
Num barco, entre ondas e cores,
Entre as águas, entre sonhos e odores,
Leva consigo um sonho a brotar,
E flores para te encontrar.

Sou feliz em levar comigo,
Flores que são doces amores,
Entre as ondas, um sonho amigo,
Na calmaria ou em tempestades,
Em um barco, meu único abrigo.

Em cada flor, um amor se revela,
Assim sigo, navegante dos sentimentos,
Velejando com muita cautela,
No compasso do coração e das flores,
Na imensidão azul, entre os ventos.

²⁹ Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

Todas as músicas de amor são pra ela

Emilly Queiroz dos Santos³⁰

Naveguei por rios e mares
E te encontrei quando nem buscava
Fez-me querer te trazer mil rosas roubadas
Assim como Cazuza falava

Tu és a moça bonita que Alceu descreve,
Mas teus olhos são castanhos
Como as águas de Oxum
Perdi-me nas ondas do teu cabelo tom de azul

E como dito por Los Hermanos
Até quem me vê na fila do pão sabe que te encontrei
Tu me disseste o que é o sossego
E desde então te acompanhei

Eu sendo oceano e tu a calmaria da água doce
Que deságua em mim
Unindo todas as coisas
E me completando só com teu existir

30 Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da UEFS.

Por isso confesso para tu, da pele tom de noite,
Que a vida toda vou te querer
Na verdade, tu és minha escolha em mais milhões de vidas
Até porque tem sido bonito te espiar viver

Então certeza que o vento certo soprou no mar
E diferente de Armandinho, nessas e outras vidas,
Tive a sorte de ser tu a pessoa que vou amar
Para muitas músicas te dedicar.

Guardião do Tempo

Rafaela Santana de Jesus Perego³¹

Em frente à parede do tempo, de pé,
Com ferramentas de ancestrais em mãos
O olhar singelo, leve e sereno, revela
Saberes compartilhados e histórias vividas.

As hastes longas, toques de tradição,
Cônicos finais, apontam para o céu,
Ecoam histórias, cantos do coração,
Memórias tecidas em cada fio seu.

O rosto do senhor marcado pelo tempo,
Linhas profundas, como sulcos na terra
Guardião dos segredos sussurra ao vento,
As lições que a vida lhe ensinou, com fé.

A parede testemunha, silenciosa,
Das gerações que passaram, valentes,
Cada marca uma história preciosa
Dos saberes passados, eternamente presentes.

31 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

Assim, entre o passado e o agora,
Segue o ciclo, a sabedoria a fluir,
Nas mãos do tempo, a vida decora,
Os saberes de ontem, hoje a construir.

Memórias que não voltam mais

Luis Henrique Oliveira Santos³²

Numa noite serena, com estrelas a cintilar,
Um senhor de idade, suas lamparinas a balançar.
Na casa da avó, ele era como um guardião,
Com sua luz radiante, iluminava a união.

Nas paredes de madeira, histórias a relatar,
De tempos passados que o tempo não há de apagar.
E no coração dos que ali se encontravam,
As chamas da memória jamais se apagavam.

Sob o teto acolhedor, o calor do afeto a ecoar,
Entre risos e abraços, a felicidade a se manifestar.
E o velho senhor, com seu sorriso sereno,
Guardava na alma cada momento, como um eterno terreno.

Trabalhador fiel, simples e muito justo,
Mesmo com as injustiças, seu sorriso é robusto.
Ele me mostrou as lamparinas, relíquias do passado,
Lembrança de um parente, numa história entrelaçado.

32 Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEFS.

Com mãos calejadas, mas coração aberto,
Sempre pronto a ajudar, sem nunca estar incerto.
Nas horas difíceis, sua força era constante,
Um farol de esperança em meio à tempestade abundante.

E nas lamparinas antigas, um elo com o passado,
Testemunhas silenciosas de momento já vivenciado.
Cada centelha que nelas ardia era como um sinal,
Da perseverança e da memória que jamais se desfazem, afinal.

Com humildade e serenidade, ele segue seu caminho,
Enfrentando os problemas, com um sorriso tão ladino.
Duas lamparinas, símbolos de sua jornada,
Um senhor de idade, com uma luz sempre adorada.

Cada passo é uma memória, cada sorriso uma lição,
Ele é o guardião das histórias, da tradição.
Mesmo na escuridão da noite, seu brilho não se apaga,
Um senhor de idade, com uma luz que nunca se embarga.

Processada com amor

Lara Leal Marques³³

Na cidade do cacau
Entre os pés de mandioca
Faz-se farinha sem igual
Processada com amor
E com um toque de valor

Enquanto comes, olho teu prato
E imagino Francisco, farinha a torrar.
Você já pensou em todo ato
Que é feito para te alimentar?
Por que reclama sem pensar?

Desde o pé de mandioca
Começa a trabalhar
Colhe a raiz, limpa e vai ralar
Passa na prensagem e depois vai esfarelar
Peneira e torra para em tua mesa chegar

É disso que eu lembro
Quando o feijão ela vem acompanhar
Ninguém vive ao vento
Os Franciscos estão a nos estruturar.

33 Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da UEFS.



Fonte: Maru Albor

Reflorestando Corações

Lucimara Rett³⁴

Eu vim das Plêiades, para ser o espírito da humanidade feita de milho.

Sou luz e sou sombra, o equilíbrio do feminino e do masculino, a união dos três mundos.

Algumas pessoas me encontraram na Amazônia, mas meu uso é Ancestral.

Minhas flores têm cinco pétalas. Cinco, esse número mágico, como os cinco dedos das mãos que integram a contagem vinal dos povos Maia, esses grandes matemáticos, senhores do Tempo, dos múltiplos calendários, observadores das estrelas.

Como Alimento dos Deuses, fui abençoado pela Deidade da Agricultura, que depois se casou com o deus do comércio. Virei moeda e o alimento dos desejos, da sedução.

De dádiva à mercadoria, cultivado em monocultura, me perdi de minhas espécies companheiras e enriqueci executivos e coronéis. Vivenciei momentos de muita dor e exploração das pessoas e da Terra, mas uma praga trouxe a redenção e um lampejo de regeneração. Hoje, homens e mulheres praticam

34 Terapeuta Vibracional. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

o meu cultivo com os conhecimentos da Agrofloresta, da Agricultura Sintrópica e da Agricultura Biodinâmica. Na Cabruca, reencontro minha comunidade.

Abuelos e Abuelas guardaram, por muito tempo, os saberes sobre meus usos Ancestrais e Espirituais, mas é chegada a hora! Eu sabia que quando a humanidade precisasse se reconciliar com a Natureza, eu estaria presente em muitos lugares, até na televisão.

Minha missão é trazer o amor, expandir os corações e lembrar a humanidade de que precisamos nos reconectar à fonte abundante de nutrição. O bem viver em suas infinitas camadas, na regeneração da Terra e de todas as nossas relações. Os colibris sobrevoam a paisagem em ruínas e espalham a palavra florida e cantada.

Prazer, Theobroma Cacao.

Coração do Céu, Coração da Terra, aqui estou.

Poesia de I'x K'akaw'

Luana Rohwedder Zuffo³⁵

Das brilhantes estrelas ao centro de seu coração
Cheguei na Terra pra te ajudar em sua valiosa missão
Trazendo a leveza da paz, amor, luz e sabedoria
Te levo ao centro da esfera de pureza e alegria

A cada gole, degusto seu gosto em me acalantar
Sem palavras, sinto a Deusa da abundância se apresentar
I'x K'aka'w traz seu lindo batalhão de princesas
Relembrando os seres da terra de sua doce beleza

Magia solta no ar, encantados se aproximando
Borboleta azul com suas asas transmutando
Todas as vozes que ouço até parecem me atravessar
Ficam por hora mais baixas. Força criativa me lembra a sonhar

Sinto uma doce e forte ritmada batida em meu peito
Tão rica e completa, bebida de preparo bem feito
Se um dia houve ódio, rancor, desencanto e rigidez,
Os tempos mudaram. Trazem agora certeza e fluidez

35 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A monocultura se foi. A diversidade chegou
Plantas que crescem para quem na sabedoria semeou
O mais lindo cacau da floresta encantada
Chegam no brilho de fadas tão brilhantes irradiadas

Já não sei se tenho agora aterramento ou miração
Acho que as duas coisas bem juntinhas em minha mão
Embaixo do belo pé que plantei, a luz firmou sua morada
Coloco meu corpo na terra e sinto uma força encantada

Seres elementais me ajudam a perceber
O que é muito sutil para todos entender
O brilho da terra reluz com minha voz tão baixinha
Me entrego aos ventos que sopram os comandos da Rainha.

Eu-Nuvem

Luiz Henrique Ortelhado Valverde³⁶

Se tem algo de que não tenho dúvida, é o poder de uma nuvem no céu se transformar no que ela quiser.

Meus olhos ficam com a missão de ir além do visto e avistar o que verei. A profundidade de uma nuvem reside no voo de uma ave e na asa de um avião.

Leva-me a tempestuosa escuridão de um silêncio horripilante, contudo condiciona a transformação do eu-nuvem.

Eu-nuvem pode ser o espelho de alma, ou o oráculo do ar, ausente dos fios existentes que conectam a dimensão visãodo é.

Sopra-me nuvens, sopra-me passarinho e lhe sopro reverência.

36 Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

E-book

Etnobiologia lírica:
uma atividade de escrita criativa

Este livro foi composto no formato 15,0 x 21,0 cm, fonte Adobe Garamond Pro (texto principal e títulos), em julho de 2024.

ISBN: 978-65-88707-84-5



9 786588 707845

